

Seguro para celulares (em 10.04.2023)

Por Antonio Penteado Mendonça



No ano de 2022 foram roubados mais de duzentos mil telefones celulares na cidade de São Paulo. Isso dá pouco menos de um telefone a cada três minutos. É um número absurdo que, evidentemente, gera preocupação nos moradores da cidade, a maioria possuidora de telefones celulares.

A Secretaria de Segurança Pública informou que em janeiro e fevereiro deste ano houve uma queda expressiva do número de roubos dessa natureza. É uma notícia positiva, mas esses números precisam ser lidos com cuidado. Janeiro e fevereiro são os meses de férias de verão, ou seja, a cidade está mais vazia, o que, naturalmente, reduz o campo de ação dos bandidos. Para se ter claro o que está acontecendo é necessário aguardar os números dos próximos meses. Antes disso, não dá para comemorar a redução desse tipo de crime, até porque não é o que as reportagens em geral têm mostrado.

Se até poucos anos atrás o roubo dos celulares era para a revenda dos aparelhos, nos últimos tempos, especialmente após a introdução do PIX na vida dos brasileiros, o crime ganhou nova dimensão, turbinado pelo acesso às informações pessoais e dados bancários armazenados nos telefones.

Quer dizer, há mais uma razão muito forte para o roubo de celulares seguir aquecido e subindo continuamente, não só na cidade de São Paulo, mas em todo o país. Neste cenário, é lógico as pessoas se preocuparem com seus telefones, tanto pelos aparelhos como pelas consequências da sua subtração pelos ladrões.

Entre as ferramentas para a proteção contra o roubo de celulares, o seguro surge como uma alternativa relativamente barata, pelo menos para a reposição dos aparelhos roubados ou furtados. Assim, como o mundo vive em função da demanda e da oferta, não é estranho os seguros para celulares terem invadido a internet, em ofertas de todos os tipos, anunciando dezenas de seguros para proteger esses aparelhos.

O seguro não tem a capacidade de evitar a subtração do bem, mas ele repõe o seu valor, minimizando o prejuízo do segurado. Como alguns celulares custam mais de dez mil reais, essa reposição é importante, até porque não são necessariamente os mais ricos que possuem os celulares mais caros.

A razão do seguro é repor bens ou capacidades de atuação que façam falta ou doam no bolso do cidadão. Segurar alguma coisa que, em função do valor, é indiferente ser perdida é tão sem sentido quanto contratar um seguro de vida sem ter beneficiário para quem faça diferença o pagamento da indenização.

Como existem celulares de todos os preços, em todos os estados e de todas as idades, quem tem que definir se vale a pena contratar seguro para garantir o aparelho é o seu proprietário. De qualquer forma, a regra básica do seguro faz com que uma apólice para um aparelho velho, estragado e que, portanto, vale muito pouco, custe, proporcionalmente, mais caro do que o mesmo seguro para um aparelho de última geração. Como dez mil reais é dinheiro, ter seguro para esses aparelhos, que devem durar pelo menos alguns anos, pode ser um bom negócio.

Fonte: O Estado de São Paulo, em 10.04.2023.
